Negociações culturais e (re) construções identitárias: A trajetória migratória de peruanos em Boa Vista/RR

Negotiations and cultural (re) constructions of identity: the migratory path of Peruvians in Boa Vista/RR

Alessandra Rufino Santos
Mestranda, PPGSCA-UFAM
Bolsista Capes
alessandra_rufino@oi.com.br

Resumo: Este artigo tem como objeto as (re)construções identitárias dos peruanos que migraram para a capital do estado de Roraima, a cidade de Boa Vista, entre os anos de 1992 a 2009. Neste sentido, foi através das técnicas da história oral e da observação participante, que buscou-se (re)construir as suas narrativas das identidades e das trajetórias migratórias. Dessa forma, este estudo verificou que a identidade do sujeito migrante está em constante mutação, visto que é influenciada pelos acontecimentos existentes em seu cotidiano. Logo, muitos dos peruanos que estão em Boa Vista ressignificam sua cultura e identidade de origem, ao mesmo tempo em que incorporaram muitos elementos da cultura e da identidade brasileira, facilitando a (re)construção de suas identidades.
Palavras-chave: Boa Vista; Migração; Peruanos.

Abstract: This article has as object the (re) constructions of identity that migrated to the Peruvian capital of Roraima state, the city of Boa Vista, between the years 1992 to 2009. In this sense, it was through the techniques of oral history and participant observation, which sought to (re) construct their identities and narratives of migration paths. Thus, this study found that the identity of the migrant subject is constantly changing, as it is influenced by events within their daily lives. Soon, many Peruvians who are in Boa Vista resignify their culture of origin and identity, while that incorporated many elements of Brazilian culture and identity, making it easier to (re) construct their identities.
Keywords: Boa Vista, Migration, Peruvians.

Introdução

O presente artigo tem como objeto as (re)construções identitárias e as negociações culturais dos peruanos no processo da trajetória migratória para o Brasil, em especial para Boa Vista, , tendo como marco temporal os anos de 1992 a 2009**.** A escolha desse período justifica-se pelo fato de termos localizado em outras pesquisas um crescimento do fluxo migratório para a Amazônia e, mais precisamente, para Roraima. Justifica-se também devido

os peruanos que mantivemos contatos no decorrer da atividade de trabalho de campo terem migrado para Boa Vista durante esse período.

Outro fator importante para a escolha dessa temática foi a identificação de um número expressivo de peruanos trabalhando como vendedores de produtos diversos em locais públicos da cidade de Boa Vista, como o Centro Comercial e as feiras do Produtor e do Garimpeiro, o que acabou estimulando o desejo em obter respostas para os seguintes questionamentos: O que motiva os projetos migratórios dos peruanos? Que estratégias de sobrevivência são construídas no cotidiano destas trajetórias migratórias? Que redes de sociabilidade e de solidariedade são efetivadas? Que narrativas identitárias são (re)construídas pelos migrantes peruanos? Como esses migrantes constroem suas experiências de vida a partir do momento que entram em contato com outras culturas e contextos sociais?

Nessa perspectiva, este artigo versa sobre as mudanças significativas que a historiografia brasileira vem registrando no que corresponde às novas abordagens, novos problemas e novas fontes historiográficas da história do tempo presente, permitindo discutir a importância das experiências individuais e coletivas na construção histórica, principalmente ao chamar atenção para o uso da fonte oral como forma de revelar as memórias e desvendar a história.

Cabe acrescentar que neste trabalho foi feito o uso da metodologia qualitativa, que deu ênfase a etnografia e ao uso da história oral, mas especificamente a história oral temática, uma metodologia de pesquisa voltada à experiência vivencial daquele que narra, ou na busca de informações factuais (CPDOC, 2009). Para Meihy (1996, p.13) a história oral temática "é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social de pessoas". Neste sentido, a oralidade visa ao entendimento da vida das pessoas no contexto social, pois, de acordo com Thompson (1992, p. 44), "é uma história construída em torno da vida das pessoas". Conforme Meihy (1996), os trabalhos em história oral temática devem seguir alguns procedimentos e princípios, tais como: a formação da rede social, a entrevista, a transcrição, a conferência, o uso autorizado dos textos e o arquivamento dos depoimentos. Neste caso, essa subdivisão da história oral é uma ferramenta que ajuda a preservar a história dos migrantes peruanos cuja memória da trajetória migratória sobreviveu tanto ao deslocamento feito do Peru até a cidade de Boa Vista quanto às espoliações econômicas e culturais. É essa memória tecida em novo contexto social e com novos significados, que os move no presente.

Assim, o grupo de sujeitos colaboradores foi constituído por 08 (oito) migrantes, de nacionalidade peruana, selecionados a partir da concepção de que "o indivíduo é considerado representativo pelo fato de ser ele que detém a imagem da cultura (ou das culturas) à qual pertence" (THIOLENT, 1985, p. 199). Para a metodologia de história oral temática, devido ao objetivo de profundidade, a quantidade de entrevistados selecionados foi adequada ao objeto de pesquisa, considerando que nossa preocupação é, antes de tudo, investigar o modo como são vivenciadas as experiências migratórias; a relação destes migrantes com a sociedade de acolhimento (cidade de Boa Vista); percepção e desenvolvimento das estratégias de sobrevivência e suas experiências de vida.

Também foram utilizadas como recurso metodológico, as técnicas da observação participante, conversas informais com os interlocutores da pesquisa e entrevistas semiestruturadas. A técnica da observação participante foi de suma importância, uma vez que possibilita o contato direto do pesquisador com o interlocutor garantindo, assim, a apreensão de parte dos elementos da realidade na qual os atores sociais estão inseridos. Neste caso, sua relevância se baseia na possibilidade de o investigador captar os dados e os fenômenos que não são atingidos por meio da entrevista (CHIZZOTTI *apud* VIANNA, 1998). Portanto, a observação participante garantiu uma interação com os sujeitos possibilitando a coleta de informações, mesmo sem o recurso da gravação, uma vez que nem todas as pessoas contatadas se dispuseram a gravar as suas narrativas. As observações e impressões retiradas das atividades de observação participante foram registradas no diário de campo. Tais informações foram confrontadas, na fase de análise, com os dados obtidos nas entrevistas, servindo, portanto, como complemento para as conclusões.

Memória, identidade e cultura migratória

A trajetória das ciências humanas é composta por uma série de dilemas e desafios. Nos dias atuais, por exemplo, estamos vivenciando uma profunda virada nos modos de pensar e reconstituir o passado. Isso está ocorrendo porque a História começou a se distanciar das correntes historiográficas tradicionais, como o positivismo e o marxismo, que buscavam explicações, sobretudo, na história política e econômica, para colocar como tema de interesse a história das pessoas comuns, abordada pelas correntes historiográficas mais recentes, ampliando, portanto, seu campo epistemológico.

O resultado disso foi o surgimento da Nova História Cultural, um tipo de história mais voltada para as traduções simbólicas elaboradas pelos homens para a compreensão do mundo. Ela é "nova" porque se distingue dos trabalhos anteriores, sobretudo àqueles do século XIX, quanto à dimensão sóciocultural, exemplo da obra de Michelet que abriu caminho para a história da vida cotidiana, dando ênfase às mentalidades (CAVALCANTE JÚNIOR *et. al*, 2010).

Essa nova concepção historiográfica passou a apresentar novos campos temáticos como história do tempo presente, memória, cidade, identidade e imagem. Além do mais, passou a dialogar com novas correntes historiográficas como a micro-história, a história vista de baixo e a história arqueológica, além de outras. A Nova História Cultural, portanto, vem permitindo que, por meio da análise do cotidiano das pessoas simples, os historiadores consigam decifrar a dinâmica de uma sociedade e o campo das representações sociais. Neste sentido, a historiografia contemporânea valoriza uma tendência ligada a (re)memorização do passado.

É nessa perspectiva que a memória e a identidade assumem papéis importantes na compreensão dos fenômenos migratórios, visto que valorizam o ponto de vista de seus protagonistas. Dito de outra forma, ao utilizamos os recursos da História Oral para entendermos a construção da memória/esquecimento e da identidade tanto dos deslocamentos humanos como dos próprios sujeitos que o realizam, podemos apreender de maneira mais consistente o conjunto de relações sociais, valores e experiências que os indivíduos compartilham o processo de adaptação os novos lugares e a (re)construção das identidades.

O sujeito que se desloca é aquele que melhor se move entre o desejo e a necessidade de conviver com as diferenças e com os pluralismos espaciais, temporais, sociais e individuais, construindo um saber plural, podendo também refazer os laços sociais e integrar-se ao novo grupo firmando assim a ponte entre o individual e o coletivo (TEIXEIRA 2002).

Considerando que em sua trajetória o migrante constrói e reconstrói conhecimentos e experiências, podemos destacar que certos grupos de migrantes cultivam uma memória que, paradoxalmente, parece pretender considerar o passado dentro do presente, ou introduzir o presente no futuro.

Para reconstruírem sua identidade étnica e social, os migrantes buscam na memória os padrões e os elementos que configuram seu modo de ser. Entretanto, a memória não pode ser

vista apenas como um ato de buscas de informações do passado. Deve ser vista, sobretudo, como um processo dinâmico da própria rememorização.

Ao tomarmos como referência o pressuposto de que estudo e a compreensão das identidades precisa enfrentar a temporalidade estrutural dimensionada entre os grupos sociais, é necessário acrescentar que todas as sociedades humanas possuem um sistema cultural que "contribui para desvendar a dinâmica social impregnada de signos, transmitidos historicamente. A cultura é um sistema simbólico por meio do qual os homens se comunicam e reforçam suas crenças e valores" (GEERTZ, 1989, p. 103).

A cultura é um elemento associado ao fenômeno dos deslocamentos humanos, que pode ser entendida como movimento populacional atrelado a uma diversidade cultural em confronto, que segue uma prática social institucionalizada. Orientada por valores, expectativas, modelos de conduta, a cultura migratória acaba reforçando a aceitação da necessidade de se deslocar.

A prática migratória possibilita ao migrante a construção de uma identidade que ressalte os valores originários da família, dos laços de parentesco e da vizinhança que ficaram em seu local de origem, mas também acrescentando outros valores. Como afirma Brito (2000), assim como todo processo social, as migrações transportam os indivíduos com valores e culturas, integrando crenças e sociedades. Cabe acrescentar que as imagens e representações são concepções de memória coletiva e ajudam o migrante tanto a afirmar sua identidade como a reorganizá-la a partir das negociações necessárias para a comunicabilidade e a convivência no novo lugar. Como afirma Velho (1994, p.28),

> "a identidade é uma opção, uma construção do próprio sujeito em função de suas trajetórias e das escolhas que o meio social lhe oferece. Esse trânsito é resultado de complexos processos de negociação da realidade com outros atores e indivíduos coletivos em que os sujeitos, ao fazerem suas *performances* levam em consideração seus projetos individuais frutos de deliberações conscientes".

Buscar entender o fenômeno migratório a partir da compreensão da cultura significa analisar e interpretar a história vivida por quem opta se deslocar. Nesse contexto, a tarefa do historiador não consiste somente no objetivo de estudar o passado para prever e controlar o futuro, mas de libertar as esperanças contidas na experiência migratória. Ou seja, a história pode contribuir para que o migrante, seja ela nacional ou internacional, liberte sua memória

através do uso da narrativa e das representações, podendo demonstrar um pensamento cultural que o ajude a entender a experiência histórica dos deslocamentos.

Os saberes culturais podem ser obtidos por meio do acúmulo de conhecimento produzido com sentido de pertencimento, marcado pelas formas de viver e compreender o mundo podendo ser associado, também, às representações e valores que podem ser discutidos no campo da história oral, especificamente no âmbito das histórias de vida.

O contexto da migração peruana em Boa Vista-RR

Criado em 1890, após ser desmembrado do estado do Amazonas, o município de Boa Vista foi o primeiro povoamento com características urbanas, do atual estado de Roraima. No ano de 1943 tornou-se capital do então Território Federal do Rio Branco, que em 1962, passou a denominar-se Território Federal de Roraima. Foi somente com a promulgação da Constituição Federal, em 1988, que se tornou capital do recém criado estado de Roraima. Está localizada no hemisfério norte e na mesorregião do estado de Roraima, compreendendo uma área total de 5.687,064 km²

Boa Vista possui uma população de 277.684 habitantes[1] e compreende uma economia dinâmica e com bons índices sociais, já que concentra uma parcela considerável da população e do Produto Interno Bruto do estado de Roraima, garantindo bons índices de desenvolvimento. No ano de 1991 o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Boa Vista foi de 0,731 passando para 0,779 no ano 2000. O que contribuiu para este resultado foi o crescimento do item educação, que passou de 0,828 em 1991 para 0,910 em 2000. Logo, a taxa de analfabetismo é de 8,7%.

É importante lembrar que a média do IDH Municipal em Roraima é de 0,679. A média do IDH Municipal da Região Norte é de 0,664. A média nacional, por sua vez, é de 0,699. Levando em consideração esses dados é possível constatar que a colocação do município de Boa Vista no ranking estadual é de primeiro lugar, ficando a frente de São João da Baliza (0,729), Mucajaí (0,726), Pacaraima (0,718), e Iracema (0,713). Em relação ao ranking do IDH da região norte brasileira, a capital roraimense está na quinta colocação. Sua posição no ranking nacional é de 1074º lugar.

[1] Número obtido no ano 2010 pela coleta do Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Economicamente, Boa Vista tem participação de 71,03% na riqueza gerada em Roraima, dando destaque ao setor terciário composto pelas subatividades do comércio, serviços de transportes, informação, intermediação financeira, atividade imobiliária, serviços prestados às empresas e famílias, administração pública, educação e saúde mercantis e demais serviços prestados às famílias. Com relação ao setor secundário, a SEPLAN (2009) afirma que Boa Vista possui 81% do valor adicionado da indústria roraimense, onde se concentra as principais unidades madeireiras, moveleiras e alimentícias, localizadas no distrito industrial boavistense. Em 2006 o PIB per capita foi de R$ 10.413,61 (dez mil, quatrocentos e treze reais e sessenta e um centavos).

Sem dúvida, esses índices atraem diversas pessoas de outros estados ou até mesmo outros países para a capital de Roraima em busca de trabalho e melhores condições de vida. Por isso, como foi exposto na seção anterior, é em Boa Vista que se concentra a maioria dos migrantes que se deslocam para o estado roraimense.

A "escolha" do local de destino é orientada, em geral, pelas representações que são construídas sobre ele no local de origem e pelas redes sociais que acabam por direcionar e, ao mesmo tempo, realimentar fluxos migratórios (SILVA, 2010). O caso dos peruanos em Boa Vista não é uma exceção. Para grande parte deles esta cidade representa a possibilidade de uma vida melhor, na medida em que forem capazes de conjugar estratégias de sobrevivência.

Muitos dos peruanos que vivem em Boa Vista, como dito anteriormente, podem ser vistos vendendo produtos diversos, como roupas, objetos de plástico, CD's e DVD's piratas, uma vez que esta é a atividade que predomina entre eles. Já outros são peruanos mais capitalizados são professores ou médicos, e trabalham para o governo ou são autonomos. Há também aqueles que se dedicam ao setor de serviços, como marceneiros, carpinteiros, pintores, mecânicos e sapateiros. Após uma trajetória interna por outras regiões do Peru, grande parte deles sai da capital Lima ou de alguma cidade média da região denominada por eles de "Selva Peruana", fazendo a seguinte trajetória: Pegam o vôo até Iquitos, onde vão de barco até a pequena cidade peruana Santa Rosa, que faz fronteira com o estado do Amazonas. De Santa Rosa seguem até a cidade amazonense tabatinga, situada na fronteira do Peru com a Colômbia. Essa cidade é para muitos apenas um lugar de passagem, pois o objetivo na maioria das vezes é chegar até a capital amazonense, a cidade de Manaus, passando por outras cidades do interior do Amazonas.

De acordo com Silva (2010), na cidade de Manaus, as atividades desenvolvidas pelos peruanos não diferem das atividades exercidas por outros migrantes nacionais e internacionais em cidades do interior, ou seja, atividades informais. A diferença é que na capital amazonense as possibilidades de trabalho aumentam. Mas, de um modo geral, são poucos os peruanos com mão-de-obra qualificada e, por isso, se dispõem a aceitar qualquer tipo de trabalho para garantir o sustento de suas famílias. Mesmo no caso dos mais qualificados, em algumas ocasiões, exercem atividades muito aquém de suas qualificações. Neste caso, seja porque encontram-se numa situação de indocumentados, seja porque não conhecem ou não podem inserir-se no mercado de trabalho formal, o comércio informal acaba sendo, às vezes, a única alternativa.

É importante salientar que alguns dos peruanos que estão em Boa Vista entram no Brasil pelo Acre ou através da Venezuela. Os que entram pelo Acre fazem a seguinte trajetória: Saem de Lima até Cusco, onde pegam o vôo até Puerto Maldonado. Depois seguem pela estrada do Pacífico, que cruza o Peru a partir da Amazônia Peruana até o litoral, passando pela Cordilheira dos Andes até chegar a Iñapari, vilarejo peruano que faz fronteira com a cidade acreana Assis Brasil. Após chegarem a Iñapari, muitos seguem em direção a Assis Brasil. No entanto, deslocam-se para Brasiléia, cidade do Acre, que é pouco mais de 100 km de Assis Brasil e faz fronteira com a cidade Boliviana Codija. Após chegarem em Brasiléia, alguns fixam moradia, já outros vão a capital do Acre, a cidade de Rio Branco, onde passam meses ou até anos e depois mudam para Manaus. Após passarem algum tempo em Manaus migram para Boa Vista, já que recebem convites de familiares ou até mesmo de amigos. Depois chegam a migrar para outras cidades roraimenses, como Pacaraima, cidade que faz fronteira com a Venezuela. Alguns vão mais adiante e adentram a Venezuela. Entretanto, retornam para Boa Vista.

As opções de trabalho e as estratégias de redes sociais

As razões pelas quais os peruanos continuam deixando o Peru são múltiplas. Contudo, os fatores de ordem econômica são preponderantes na decisão de migrar para Boa Vista, pois além de sua tranqüilidade, o mercado de trabalho boavistense acaba oferecendo oportunidades de emprego que proporcionam autonomia aos peruanos, visto que o Peru continua enfrentando uma crise econômica com crescente índices de inflação e desemprego.

O perfil dos peruanos que migram para Boa Vista, foi sendo construído desde meados dos anos 1990, nos mostrando que eles são, em sua maioria, homens que não tem residência própria e que por isso, vivem em pensões e vilas próximas ao centro de Boa Vista, atuando sobretudo, no comércio informal. Geralmente, os homens que resolvem fixar moradia na capital roraimense casam-se com brasileiras. Há também aqueles que migram para Boa Vista sozinhos e depois voltam ao Peru para buscarem as esposas e os filhos. Tal situação ocorreu com os senhores Juan Dias[2] e David Monteiro[3], peruanos que migraram para Boa Vista na década de 1990:

> Yo cheguei solo en Manaus. Después que la condição financeira melhorou fui ao Peru buscar mi esposa e mis três filhas. De lá voltamos para Manaus e después venimos para Boa Vista (Juan Dias, 56 anos. Entrevista concedida em: 19/10/2010).

> Yo venir sozinho para Boa Vista, em 1995. Yo vivi primeiro em Tabatinga [...] Mi esposa ficou em Peru com mis filhos. Yo mandava dinero para ella. Yo fui busca-los no Peru, mas mi esposa no queria venir. Ai voltei sozinho. Mas em 2001 fuí ao Peru novamente y ellos vieron conmigo (David Montero[4], 55 anos. Entrevista concedida em: 11/12/2010).

Esses dois casos nos ajudam a constatar que em Boa Vista também é possível visualizar crianças e jovens que acompanham os pais peruanos e mulheres que migram para acompanhar os familiares, como marido, tios (as) e irmãos (as). Neste sentido, a medida em que eles vão se estabelecendo na cidade de Boa Vista, inicia-se um processo de reunificação familiar. Assim, podemos inferir que o processo social da migração passa a ser entendido como sendo organizado por meio de redes.

Segundo Soares (2004), a teia de relações sociais interligadas, mantidas por um conjunto de comportamentos determinados, que leva comunidades de origem a lugares específicos das sociedades de destino, constitui a rede migratória. Com o tempo, por causa do capital acumulado, essa rede tende a se tornar auto-suficiente, facultando aos migrantes contatos pessoais com parentes, amigos e conterrâneos, além de oportunidades de emprego, hospedagem e assistência financeira no lugar de destino.

Cabe acrescentar que, ainda segundo Soares (2004), as redes sociais têm outras funções essenciais na trajetória migratória, facilitando a ligação com a terra natal, fazendo a

[2] Nome fictício.
[3] Nome fictício.
[4] Nome fictício.

conexão entre os dois lugares, se configurando como local de memória e reafirmação da identidade de origem e servem ainda de família ampliada, nos mostrando que a migração tende a acontecer apoiada nas redes de parentesco e sociabilidade.

O trabalho de campo revelou que embora os peruanos em sua maioria prefiram habitar residências nas proximidades do centro de Boa Vista, é possível encontrá-los em bairros mais afastados do centro. Muitos podem ser localizados nos bairros Caranã, São Bento, Raiar do Sol, Conjunto Cidadão, Asa Branca, 31 de Março, Caimbé, Cinturão Verde, Buritis e Liberdade. Este último, destaque-se como o bairro que recebe maior número de peruanos, depois do centro. É no bairro Liberdade, também, que os peruanos costumam se reunir todas as tardes de domingo na residência de uma família peruana para beberem e comerem a comida peruana, relembrando as práticas da cultura do lugar de origem e reafirmando suas identidades.

Desse modo, a cultura de origem, apesar de inacessível em sua forma original, é (re)vivida e compartilhada na rede, o que parece especialmente significativo no caso do Peru, um país que guarda grande multiplicidade regional e cultural com índices dispares de desenvolvimento.

Como já foi mencionado, do ponto de vista ocupacional, os peruanos que entraram em Boa Vista, a partir da década de 1990, trabalham em sua maioria, no setor do comércio informal, por ser esse um seguimento do mercado de trabalho que não exige experiência previa e nem idade mínima para o trabalho. Do trabalhador se exige apenas muito esforço para se adaptar às condições insalubres de trabalho, uma vez que é um setor no qual não há nenhuma regulamentação das relações trabalhistas.

Além da atividade de comerciante informal, vale destacar a existência de um grupo de profissionais liberais, entre eles, médicos, dentistas e professores, os quais além de enfrentarem o problema da regularização no país, também são desafiados pela dificuldade da revalidação dos seus títulos acadêmicos, cujo processo é considerado lento e oneroso. A área de serviços é outro setor que absorve parte da mão-de-obra peruana que chega a Boa Vista, na maioria das vezes sem documentação.

Nessa perspectiva, o problema da documentação tem sido um dos grandes desafios para os migrantes internacionais com menor condição financeira no Brasil, o que particularmente acontece com vários peruanos, já que o Estatuto do Estrangeiro, aprovado no ano de 1980, só possibilita a entrada de mão-de-obra especializada e de empreendedores no

país. Para os que não se enquadram nesses critérios, as duas únicas possibilidades de regularização são o casamento com conjugue brasileiro ou o nascimento de um filho no território brasileiro (SILVA, 2006).

Cabe ressaltar ainda que existe uma diferenciação de expectativas entre os peruanos que estão há mais tempo em Boa Vista e, portanto, com uma situação financeira consideravelmente definida, e aqueles que chegaram recentemente. Desta forma, para os que estão há mais tempo, o projeto de retorno ao local de origem é uma possibilidade na maioria dos casos descartada devido aos laços criados com Boa Vista, tanto no ponto de vista econômico quanto cultural e afetivo. Neste caso, a volta ao Peru se dá para visitar os parentes e amigos, regressando em seguida, pois não se sentem totalmente à vontade, já que não encontraram o país da mesma forma que estava quando saíram pela primeira vez.

Já para os peruanos que estão em Boa Vista há pouco tempo, o projeto de retorno é algo que se coloca de forma mais objetiva, já que na maioria dos casos a razão da migração é a conquista de recursos, para, no retorno, poder de tornar independente economicamente.

(Re)construções identitárias de migrantes peruanos

A presença de peruanos em Boa Vista ocasiona transformação nas relações sociais e culturais dos sujeitos migrantes como da população nativa. Castel (1998) evidencia que o migrante, no meio social e econômico de origem, sofre processo de desfiliação de sua vida social. No local de destino, por sua vez, a inserção no meio social contribui para a recuperação de um sentimento de pertencimento. Tal sentimento de pertencimento é fundamental para que o sujeito migrante, que deixou para trás seus objetos e espaços preciosos, possa construir em outro lugar o seu devir (FERREIRA, 1996).

Gian Medina, peruano de 50 anos de idade, expressa esse processo de elaboração das perdas da seguinte forma: “Quando cheguei aqui encontrei dificuldades para me adaptar ao sistema de vida daqui. Eu passei uma semana comendo só bolacha. Encontrei dificuldades para pedir ajuda a alguém” (Entrevista concedida em: 20/10/2010).

Como afirma Vianna (1998), o migrante sofre transformações significativas no seu modo de pensar e agir que se expressa na sua adaptação ou não a sociedade de destino. Entretanto, sua condição de migrante não elimina totalmente a ligação ou pertencimento ao lugar de nascimento. Mas, a partir do momento em que passa a se relacionar com sociedades,

culturas e línguas diferentes, já se coloca em condição de transformação, pois sem perceber modifica o dia a dia, o cotidiano, a maneira de viver e agir. Essa nova realidade apresenta inúmeros desafios, pois para o migrante largar seu país, sua cultura e, especialmente, parentes e amigos não é fácil. Ao chegar a um lugar "desconhecido" os sentimentos são os de apreensão e saudade. A princípio torna-se difícil lidar com a diferença cultural, aprender a falar a nova língua e se adaptar às novas leis e aos códigos culturais.

Outro interlocutor da pesquisa, o peruano Juan Dias de 56 anos, afirmou que as maiores dificuldades enfrentadas foi com o idioma, já que não tinha contato com muitos peruanos para se comunicar. Somente aos poucos foi se acostumando com a realidade de Boa Vista e aprendeu a língua portuguesa. A outra dificuldade foi à adaptação com a comida brasileira, já que sentiu falta da comida peruana que, de certa forma, representa um dos elementos da cultura e da identidade peruana.

Assim como Juan, Guadalupe Rios de 25 anos, afirmou que teve mais facilidade que os pais para aprender a falar a língua portuguesa, apesar da discriminação que sofreu no âmbito escolar por não falar o português:

> Eu sinto falta ainda de algumas coisas [...] A mudança de país, de cultura, de religião, de idioma, de clima, me abalou [...] Na escola a principal dificuldade era com o idioma. Não entendia nada o que falavam. Ainda bem que os professores entendiam isso [...] Mas tinha muito preconceito. Os alunos falavam coisas pejorativas. Mas no começo eu não entendia. Só fui entender quando comecei a entender os significados das palavras. Até hoje ainda sofro com o preconceito. (Entrevista concedida em: 26/10/2010).

O domínio da língua portuguesa permite uma dinâmica social mais ampliada, possibilitando o diálogo dos migrantes peruanos com a população boavistense. A influência da língua portuguesa permite-lhes conhecer como funcionam os códigos da sociedade brasileira e a aproximar o lugar de habitação ao sonho pretendido quando saíram do local de origem. A capacidade de relacionamento dos peruanos com os brasileiros permite a eles compreenderem os códigos de relacionamento, os signos culturais, o espaço e a história do lugar de destino mesmo que em situações críticas ou de conflito como é o caso de Guadalupe.

Já José Castro, de 31 anos, além de ter encontrado dificuldade com a língua, teve dificuldade de estabelecer amizades e uma vida social. Tal situação nos leva a perceber que os migrantes peruanos necessitam compreender as estruturas sociais do lugar de destino, as quais

são de extrema importância para as suas estratégias de adaptação no novo lugar. Alguns, pela dificuldade com a língua, não se permitem estar numa rede social com indivíduos da sociedade local. Os migrantes peruanos encontram uma possibilidade bastante limitada de apoio, visto que além de serem poucos numericamente, estão dispersos na cidade e são pouco articulados.

Apesar da ocorrência de algumas dificuldades no relacionamento dos migrantes peruanos com os brasileiros é possível perceber que as redes sociais surgem no sentido de recuperar o bem-estar e o sentimento de pertencimento de cada migrante. Servem, na verdade, de resposta às dificuldades de adaptação encontradas no local de destino. Desse modo, a busca de cooperação para enfrentar os desafios impostos pela nova realidade vivida pelo migrante, certamente traz mais benefícios coletivos do que ações individuais.

É importante lembrar que o processo migratório pode produzir diversos trânsitos entre identidades, incluindo a ressignificação da identidade nacional e étnica. Podemos tomar como exemplo a afirmação de Pedro Ramirez de 51 anos, que diz: "Yo soy mais brasileiro do que peruano. Além de ter me naturalizado brasileiro, criei laços familiares aqui" (Entrevista concedida em: 02/12/2010). Outro exemplo é o de Antonio Florez de 66 anos, que afirma: "Yo não soy peruano. Yo estoy morando aqui. Hoy soy brasileiro. Yo trabajo aqui, voy morrer aqui"(Entrevista concedida em: 26/10/2010).

Hall (2000) elucida o movimento atual das identidades como sendo criativo por permitir ao indivíduo a liberdade de escolher com o que se identificar. O indivíduo é livre para compor sua história de vida e identidade. Enquanto Pedro Ramirez e Antonio Florez performatizam uma identificação com a nacionalidade brasileira, José Castro reafirma sua identidade de origem, isto é, reafirma uma memória com o passado: "Me identifico como peruano aqui, na China, no Brasil, na rua. Não tem como negar. Eu nasci lá no Peru [...] O peruano é nacionalista" (Entrevista concedida em: 20/10/2010).

É possível inferir, portanto, que a (re)construção identitária dar-se, também, por meio da comunicação entre as pessoas no dia-a-dia. Nessa interpretação social, símbolos e significados são (re)construídos entre os migrantes e passam a ter sentido entre eles. Contudo, a ressignificação ou incorporação de elementos da cultura de outros povos não implica na negação dos elementos de sua cultura de origem.

Algumas considerações finais

Este artigo que destacou os projetos migratórios e as narrativas identitárias reveladas por peruanos que vivem em Boa Vista, verificou que no decorrer da realização das atividades de trabalho de campo, foi possível visualizar que esses migrantes garantem seu sustento diário, trabalhando em sua maioria, no setor do serviço informal. Constatou também, a existência de um grupo de profissionais liberais que trabalham para o governo do estado de Roraima ou para instituições privadas. Demonstrou, ainda, que a cidade de Boa Vista pode ser compreendida como espaço de (re)construção das práticas socioculturais e do estabelecimento e da manutenção das redes sociais que envolvem o movimento migratório.

Dessa maneira, este trabalho conseguiu compreender como os migrantes peruanos (re)constroem suas identidades, segundo suas experiências migratórias. Embora estes estejam afastados de seu local de origem, não deixam de ter a cultura e a identidade nativa como referência. Contudo, eles também incorporaram os elementos da cultura e da identidade do local de destino, possibilitando a ressignificação identitária por meio de suas estratégias de sobrevivência, de suas representações, dos dilemas próprios à sua condição de migrante e por meio de uma mediação em que se sintam compreendidos pela sociedade boavistense, visto que possuem um leque maior de possibilidades para sua inserção no local de destino.

De um modo geral, ao chegarem ao Brasil, mulheres e homens peruanos, passam por um processo de adaptação e precisam lidar com diferentes estratégias de aculturação. Eles enfrentam sua cultura de origem, cujas crenças, valores e costumes foram confrontados com a cultura brasileira, até sofrerem transformações que os ajudam a conseguir se adaptar ao novo lugar.

Alguns entram em crise por causa do choque com as duas culturas, a peruana e a brasileira. Mas na maioria das vezes conseguem superá-la, principalmente quando passam a refletir sobre sua situação, o que os ajuda a encontrar suas identidades.

Muitos deslocam-se para Boa Vista predispostos a se adaptarem a esta cidade, por causa do sofrimento que passavam no Peru, principalmente por não terem uma boa condição financeira. Alguns adquirem boa disposição para se inserirem no novo ambiente cultural, o que, sem dúvida, os estimula a incorporarem na cultura peruana elementos da cultura brasileira. Isso é mais comum com aqueles que encontram no Brasil a família que tanto desejavam.

Como já foi ressaltado, em Boa Vista a maioria dos peruanos trabalha no serviço informal. São poucos os que possuem uma mão de obra qualificada. Os peruanos que atuam no serviço informal reconhecem que os peruanos de classe média, isto é, os de maior capital social e financeiro, não gostam de se misturar com os peruanos menos capitalizados. Tal divisão de classes é, sem dúvida, uma das dificuldades encontradas no processo de adaptação.

Outra dificuldade encontrada pelos peruanos no processo de contato e adaptação é a língua e a alimentação. Contudo, consideram Boa Vista uma cidade tranqüila, boa para se viver e, de um modo geral, vêem os brasileiros como pessoas agradáveis e solidárias com o estrangeiro. Além do mais, eles estabelecem novas estratégias de sobrevivência, redes sociais e pontes entre a sociedade de destino e a de origem. Constituem, assim, espaços e lugares que ultrapassam as fronteiras geográficas e culturais, favorecendo a consolidação dos processos de hibridação cultural.

Fica visível, também, que este estudo embora ainda necessite de maiores análises e aprofundamentos, conseguiu apresentar um esboço da realidade da migração peruana em Boa Vista. A análise de alguns elementos presentes no cotidiano dos migrantes peruanos revelaram que a arte de aceitar, acolher e conviver com o outro, o diferente, o "estrangeiro", sempre será um grande desafio. Mas esta é uma tarefa necessária e precisa ser realizada em nossas relações cotidianas.

Referências

CASTEL, R. As metamorfoses da questão social: uma ciência do salário. Petrópolis, Vozes, 1998.

CAVALCANTE JÚNIOR, I. G.; SILVA, M. do R.; COSTA, R. da S. A História Cultural de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Hollanda e os novos rumos da Historiografia Brasileira. Apucarana – PR: Revista F@pciência. V. 6, n. 6, p. 47-54, 2010. ISSN 1984-2333.

CPDOC/FGV – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. O que é História Oral. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral / >. Acesso em: 16/11/2009.

FERREIRA, A. P. A migração e suas vicissitudes: análise de uma certa diversidade (Tese de Doutorado). RJ: PUC, 1996.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. RJ: Guanabara Koogan, 1989.

HALL, S. A identidade cultural na Pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MEIHY, J.C.S.B. Manual de história oral. São Paulo: Loyola, 1996.

SEPLAN/RR – Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento do Estado de Roraima. Disponível em: <http://www.seplanrr.gov.br>. Acesso em: 04/01/2010.

SILVA, S. Bolivianos em São Paulo: entre o Sonho e a realidade. In: Estudos Avançados. V.20. nº 57. São Paulo, 2006.

_____. Hermanos Amazônicos: Processos identitários e estratégias de mobilidades entre peruanos e colombianos em Manaus. In: SILVA, S. A. D. (Org.). Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar. Manaus: EDUA, 2010.

SOARES, W. Análise de redes sociais e os fundamentos teóricos da migração internacional. In: Revista Brasileira de Estudos de População (REBEP). Campinas. V.21. Nº. 1. p. 101-106. Jan. / Jun. 2004.

TEIXEIRA, M. C. Prefácio. In: TANUS, M. I. J. Mundividências: Histórias de vida de migrantes professores. São Paulo, 2002.

THIOLLENT, M. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. 4. ed. São Paulo: Polis, 1985.

THOMPSON, P. A voz do passado: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VELHO, G. Projeto e metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VIANNA, E. C. A migração em um contexto cultural: O provisório-permanente (Dissertação de mestrado). Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública (Fundação Oswaldo Cruz), 1998.